

Programa de Pós-graduação Profissional em Educação: Mestrado e Doutorado
Linha de Pesquisa: Educação Básica - Fundamentos e Planejamento
Grupo de Estudos e Pesquisa Trabalho, Educação e as Transformações Sociais Globais.
Juliana Aurora Nogueira
Cílon César Fagiani

MANUAL PRÁTICO DE SOBREVIVÊNCIA DE UM AUTISTA NA ESCOLA

Para profissionais da educação e famílias



Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Nogueira, Juliana Aurora.

N689m Manual prático de sobrevivência de um autista na escola: para profissionais da educação e famílias / Juliana Aurora Nogueira, Cilson César Fagiani. – Uberlândia (MG), 2024.

[25] p. : il., color.

Este produto foi produzido a partir da dissertação “O profissional de apoio escolar e o estudante com transtorno do espectro autista: um estudo de caso em Uberlândia (MG)” e apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – Mestrado em Formação Docente para a Educação Básica pela Universidade de Uberaba – UNIUBE, sob a orientação do Prof. Dr. Cilson César Fagiani.

Inclui bibliografia.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Professores de educação especial. I. Fagiani, Cilson César. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Mestrado em Formação Docente para a Educação Básica. III. Título.

CDD 371.9046

Apresentamos o material “MANUAL PRÁTICO DE SOBREVIVÊNCIA DE UM AUTISTA NA ESCOLA” como um complemento à pesquisa realizada na dissertação “O PROFISSIONAL DE APOIO ESCOLAR E O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO EM UBERLÂNDIA (MG)”. Essa dissertação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado Profissional (PPGPE), da Universidade de Uberaba (UNIUBE), sobre a orientação do Prof. Dr. Cílson César Fagiani.

Trata-se de um Produto Educacional que tem o propósito de promover o acesso a informações de forma descontraída por todos que estão envolvidos e interessados, mas que nem sempre dispõe de tempo para se aprofundar nos estudos acerca no universo da neurodiversidade. Este recurso visa contribuir para o desenvolvimento do trabalho docente voltadas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo sugestões e dicas em diferentes níveis de complexidade e abordando possibilidades para atender às necessidades específicas desses alunos e principalmente como agir com respaldo jurídico e pedagógico frente as situações que podem ocorrer dentro do ambiente escolar.

DIAGNÓSTICO E ACOLHIDA

FAMÍLIA

Diagnóstico não é o fim, o diagnóstico precoce pode ser libertador e pode te tirar muitas vezes culpas que não são suas. Como: “É você que tem estragado esse(a) menino(a).” “É frescura.” “O fulano era assim e ficou bem depois.” “Você está inventando coisa!!!”



Os pais nunca estão preparados para a notícia de que seus filhos apresentam traços do espectro do autismo. Por mais que desconfiem, a confirmação de um especialista é bem diferente. Eles querem ouvir que a criança se desenvolverá e que tudo não passa de uma fase ou impressão (GAIATO, 2018, p.52)

ESCOLA

Acolha a família e o estudante.

Acolher uma família e, conjunta e conseqüentemente sua criança autista, é preciso ouvir suas experiências boas e ruins, dar orientações e soluções para os problemas relatados pelos pais, estabelecer parcerias com os profissionais da escola e aqueles que atendam essa criança fora da escola, e acima de tudo respeitar o tempo de adaptação e de aprendizado dessa criança. (STRAVOGIANNIS,2022, p.88)



OPINIÕES

FAMÍLIA

Não ligue para as opiniões, principalmente de pessoas que não tem conhecimento sobre a causa e que não vivenciam.

Segundo Gaiato, (2018, p. 83), “para qualquer tratamento é necessário um conjunto de técnicas comprovadas cientificamente adicionadas à lógica”.



ESCOLA

Sejam francos com relação ao conhecimento sobre a inclusão e se mantenham sempre abertos a aprender e se reinventar.

...as práticas escolares inclusivas são emancipadoras e reconduzem os alunos diferentes, entre os quais os que têm uma deficiência, ao lugar do saber, de que foram excluídos, na escola ou fora dela. Mantoan, p. 28



SINAIS



FAMÍLIA

Sigam sempre a sua intuição, se acha que tem algo te incomodando, procure quem sabe de verdade, que no caso não inclui amigos, familiares, vizinhos.

“Deve-se, assim, estabelecer protocolos diagnósticos para maior fidedignidade, considerando-se seus objetivos e recursos necessários para que eles sejam alcançados”. (SELLA E RIBEIRO, 2018, p.27).

ESCOLA

Se a família procura informações, não invalidem as preocupações dos familiares.

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (BOSA, 2002, p. 13)



DIAGNÓSTICO

FAMÍLIA

Se a escola procura informações, não invalidem as preocupações da equipe da escola.

O diagnóstico do autismo é clínico, depende de uma minuciosa avaliação comportamental da criança e da entrevista com os pais. Caso a criança já esteja inserida em um programa educacional, a avaliação pedagógica escolar também será muito importante (GAIATO E TEIXEIRA, 2018, p. 51)

ESCOLA

A escola não fornece diagnóstico. Repito, escola não dá diagnóstico. Repito, escola não diagnostica. A escola fala sobre características, sinais de alerta e fornece relatório pedagógico sobre o desenvolvimento do estudante.

Segundo Barbosa Silva (2012, p. 111) “não é função dos professores fazer o diagnóstico de crianças com autismo. Eles, em sua maioria, não tiveram treinamento de como identificar sinais e sintomas nesse grupo de crianças.”.



CRITÉRIOS

Os critérios diagnósticos apresentados no DSM-5, sustentam-se atualmente em dois pilares: Critério A e Critério B, caracterizados por: As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social em múltiplos contextos (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente. Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos. Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro (p.53).

PRIMEIROS PASSOS

FAMÍLIA

Família-> mais vale um profissional disposto a aprender do que um profissional cheio de diploma debaixo do braço.

A formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista. (NOTA TÉCNICA N° 24 /2013 /MEC /SECADI /DPEE)



ESCOLA

Recebeu um estudante com transtorno do espectro autista? A primeira coisa é respirar. Respirou... Então vamos lá... Ele é como qualquer outro estudante. Precisa ter um diagnóstico inicial (não estou pedindo para você fazer uma prova e aplicar), simplesmente ouça a família e, se for possível, ouça o estudante. Até mesmo no seu silêncio, ele tem muito a nos dizer.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos (BRASIL, 2010, p. 24).





FAMÍLIA

LEIS

Sim, seu filho tem alguns direitos, mas sinto muito informar que a maioria não é cumprida. E que bom que, na maioria das vezes, você pode não necessitar. Uma reflexão: o autista tem direito a atendimento prioritário. Isso mesmo, não é preferencial, é prioritário. Resiliência. Sempre se coloque no lugar do outro.

- Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012): Esta é a principal lei de proteção dos direitos das pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) no Brasil. Ela institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, reconhecendo o autismo como deficiência, o que garante às pessoas com TEA todos os direitos previstos na legislação para pessoas com deficiência.
- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015): Também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, esta lei estabelece uma série de direitos e garantias para as pessoas com deficiência, incluindo as com TEA, promovendo a inclusão social e cidadania.
- Lei nº 13.977/2020 (Lei Romeo Mion): Esta lei altera a Lei nº 12.764/2012 para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), um documento que facilita a identificação e o acesso aos direitos das pessoas com TEA.
- Decreto nº 8.368/2014: Regulamenta a Lei nº 12.764/2012, detalhando a política nacional de proteção dos direitos das pessoas com transtorno do espectro autista e dispendo sobre questões relacionadas ao atendimento educacional, saúde, trabalho, e assistência social.
- Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver Sem Limite (Decreto nº 7.612/2011): Este plano, embora mais amplo, inclui ações e diretrizes específicas para o atendimento e inclusão das pessoas com deficiência, incluindo as com TEA.

INCLUSÃO

ESCOLA

O bem-estar do estudante deve ser prioridade. Não fique testando estratégias que, no fundo, você já sabe que não vão funcionar. Quando for planejar, pense nas estratégias mais mirabolantes e agora retorne para o ponto de partida e pense na forma mais simples. Sim, é disso que você vai precisar. Pense se você pode planejar para o estudante TEA e, você também, pode utilizar a mesma estratégia com os demais. Faça isso! Afinal de contas, por que planejar atividades diferentes pensando no estudante TEA e não o contrário? Planeje para o estudante TEA e adapte para os demais quando necessário.

As escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (VELTRONE; MENDES, 2007, p. 2).



DIREITOS



FAMÍLIA

Conheça as leis e seus direitos, mas que isso não te torne arrogante e detentor de todo o saber. Às vezes, uma boa conversa vale mais que um processo judicial desgastante e moroso.

De acordo com o Art. 3º, inciso IV, da Lei nº 12.764/2012, é direito da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, com vistas ao desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades, sendo assegurado, no âmbito da educação, o direito a:

- Profissionais de apoio escolar: A lei menciona que é direito do aluno com TEA ter o acompanhamento de um profissional de apoio escolar, quando necessário, para promover o seu pleno acesso ao currículo e à inclusão educacional.
- Além da Lei nº 12.764/2012, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) também assegura direitos às pessoas com deficiência, incluindo os estudantes com autismo. Esta lei reforça o direito ao atendimento educacional especializado e a disponibilização de recursos de acessibilidade, incluindo profissionais de apoio.

ESCOLA

Se o aluno precisa de suporte, ofereçam. Principalmente em escolas públicas. A impressão é que os salários destes profissionais vão sair das secretarias de educação. Sendo quem vai arcar com os custos será a própria sociedade.

Identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substituídas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas a autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2010, p. 21).



SUPORTE

FAMÍLIA

Família-> se o seu filho necessita de suporte, solicite, pois ele tem direito. Mas, se ele não necessita, treine a autonomia de seu filho. E sempre que possível, conversem com a escola sobre a real necessidade de se ter alguém com o estudante o tempo inteiro. É preciso incluir. Quando se tem um adulto por perto, as crianças vão perdendo a sua espontaneidade.



“que os leva a fazer do filho ‘a causa’ de sua vida e a militar a favor de seus direitos. O terceiro torna-se, então, puramente externo, reduzindo-se a ser aquele junto a quem cabe reivindicar mais direitos e mais cuidados” (Laurent, 2014, p. 32).

ESCOLA

Não coloquem profissionais sentados o tempo todo ao lado do estudante e, ainda, no fundo da sala. Promovam momentos de interação pura e espontânea. Às vezes, os adultos anulam as espontaneidades dos estudantes, criando uma barreira.

Manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilidade de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2014a).



SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- ✓ PREVISIBILIDADE – ROTINA
- ✓ EXPLORAR O AMBIENTE ESCOLAR E OS CARTAZES – REALIZAR A LEITURA
 - ✓ ALINHAVOS
 - ✓ TRACEJADOS
 - ✓ RASTREIO
- ✓ UTILIZAR O HIPER FOTO COMO INCENTIVO
 - ✓ HISTÓRIA SOCIAL
 - ✓ PAREAMENTO
- ✓ UTILIZAÇÃO DE MATERIAL CONCRETO (ALFABETO MÓVEL, ABACO, MATERIAL DOURADO)
 - ✓ LINCE
 - ✓ SEQUÊNCIA LÓGICA

DIÁLOGO



FAMÍLIA

Família-> quando a escola te chama para conversar, é com a intenção de proporcionar o melhor para o estudante. Não é uma guerra de quem sabe lidar melhor com ele. Na grande maioria das vezes, lidar com a neurodiversidade é um desafio para todos.

Oliveira et.al. (2020 p. 192), concluem que: (...) acolher vai muito além de boas-vindas; trata-se de demonstrar afeto e cuidado com o outro, tornando o ambiente mais leve e sereno de modo que as pessoas se sintam à vontade para participar e compartilhar suas vivências, interagindo dinamicamente com o grupo e tornando-se usuários ativos no processo de recepção.

ESCOLA

Sejam resilientes e se coloquem no lugar da família, que, por vezes, carrega uma carga emocional muito grande. O aluno passa, mas o filho não.

Os resultados das pesquisas solidificam a afirmação dos autores Pinto et al., (2016, p.7): 25 A sobrecarga materna no processo do cuidado de crianças com doenças crônicas ocorre devido ao próprio constructo histórico-cultural estabelecido pela sociedade reservar a figura da mulher o papel de cuidadora primária. Somada a esta questão o vínculo afetivo pode justificar também protagonismo materno no ato de cuidar.



INTEGRAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA



Família-> sempre que mudar qualquer aspecto, informe a escola. Não existe nada pior que ter que lidar com um estudante que não se sabe se foi medicado, se dormiu bem, ou com uma série de aspectos que podem impactar diretamente no comportamento e no aproveitamento daquele dia, gerando um desgaste para o aluno e para os profissionais. Sendo que estes poderiam ser antecipados e até mesmo evitados com uma simples informação no caderno de comunicação do aluno.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)



Sempre que acontecer qualquer mudança de comportamento, comunique a família. A maior parte das terapias é voltada para as dificuldades ou habilidades ainda não conquistadas. Se a família não sabe, provavelmente, os terapeutas não saberão. E provavelmente, a tendência é piorar. Não é positivo para ninguém que aspectos negativos sejam reforçados.

A integração do ambiente escolar e familiar não é uma tarefa fácil e não deve ser encarada de forma amadora ou 'idealística'. Urge que dados empíricos sejam gerados, permitindo a identificação de fatores que facilitam ou dificultam esta interação. (POLONIA; DESSEN, 2005, p.310)



AJUDA



FAMÍLIA

Peça ajuda sempre que necessário. Ninguém nasceu sabendo tudo.

Dada a plasticidade dos cérebros jovens e o efeito da experiência na modelagem das funções e estruturas cerebrais, é de se esperar que as experiências de intervenção contribuam para alteração no cérebro e no comportamento. (ROGERS e DAWSON, 2014 p. 17)

ESCOLA

Formação e informação são essenciais nas práticas educativas. Estudar é preciso!

A formação do professor, independente da área que escolheu trilhar, precisa ter uma atenção voltada para inclusão de pessoas com deficiência. Não se pode esperar que primeiro tenha alunos com TEA ou com qualquer outra deficiência, para depois recorrer à formação. Para além do treinamento de todos os profissionais da educação, é necessário ainda a compreensão de que as escolas devem oferecer salas de educação especializada para atendimento individual durante a escolarização das pessoas com deficiência. (Silva, et al., 2021, p.5).



ATIVIDADES EXTRACLASSE



FAMÍLIA

Ajude a escola para que o estudante possa ter continuidade dos conhecimentos aprendidos dentro da escola. Ajude na tarefa de casa. Ela pode parecer desgastante, mas o tempo na escola é pouco para adquirir todos os conhecimentos. Isso vale para qualquer estudante.

“Não se deve delegar à escola tarefas que continuam sendo da família. Cabe a esta oferecer a criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade”.(OSÓRIO, 1996, p.82)

ESCOLA

Não passem a responsabilidade de ensinar conteúdo para a família. A vida já é uma grande escola. Refletir sobre a real necessidade de enviar uma tarefa. Lembrem-se: estudantes TEA têm uma sobrecarga enorme de terapias. Ou, pelo menos, deveriam ter.

Bonfim (2023, p. 2) afirma: A complexidade e as demandas do cuidado à criança com TEA e sua família exigem conhecimentos, habilidades e atitudes profissionais, e uma prática qualificada e integrada, de modo a promover uma abordagem centrada nas necessidades vivenciadas por este segmento da população.



COLABORAÇÃO



FAMÍLIA

Se você estiver dependendo de atendimento público, sabemos que isso será desgastante e, por muitas vezes, em vão. Isso não te habilita a abrir mão de ajudar o seu filho. Busque conhecimento e faça o melhor nas condições que você tem, a internet pode ajudar bastante nesse caso. E procure fontes confiáveis.

“as pessoas envolvidas precisam conhecer as características do TEA e aprender técnicas que facilitam (...) o relacionamento entre todos que com ela convivem” (Lopes, 2018, p.59).

ESCOLA

Colaborem para que o estudante tenha acesso a apoio fora da escola. Mas, não peguem a responsabilidade para si. Infelizmente, algumas habilidades somente fora da escola serão possíveis de adquirir.

“Apesar de algumas das dificuldades experimentadas pelas pessoas com autismo serem comuns a outras formas de deficiência, há dificuldades específicas inerentes ao autismo que requerem compreensão e técnicas educativas especializadas que não são geralmente disponíveis nos ambientes educativos genéricos” (Telmo, 2005, p.114).



CULPA



Não se culpe.

O acolhimento e a orientação para as famílias são fundamentais para que elas deixem de lado as crenças errôneas, e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem propósitos. Cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante como cuidar das próprias crianças. Barbosa, 2012, p. 96



As estratégias devem ser sempre partir do respeito e da sensibilidade do olhar para o outro. Nem sempre as estratégias utilizadas vão ser eficientes, isso não quer dizer que foi um erro e sim uma tentativa.

Quando o professor tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então, cresce a possibilidade de aprendizagem significativa (Rogers, p. 112).



BUSCA



A busca deve ser constante para evoluir o estudante. Não menospreze o seu conhecimento.

O professor ao trabalhar com crianças autistas deve ter como principal objetivo ensinar, e a persistência são uma grande aliada, o ensino tem como prioridade as atividades de vida prática, à socialização, através de atividades para uma normalização do convívio social. (LABANCA, 2000, p. 134)



A evolução é uma busca constante. Mas, dê valor aos pequenos avanços.

“incluir é aceitar, é sentir a educação além do contexto físico do espaço sala ou escola, é, sobretudo, uma forma de estar e de ser dos pais, dos docentes e não docentes, das escolas, da sociedade e do mundo em geral. Isto é inclusão” (CARVALHO, 2014, p. 36).



FORMAÇÃO



Não se acomode.

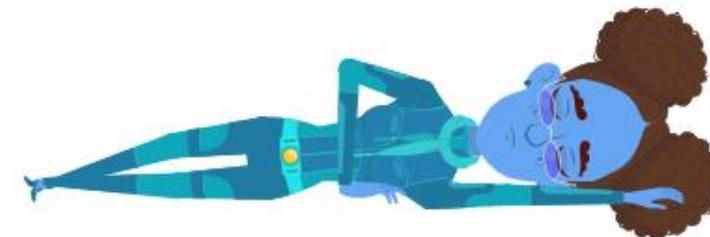
Eugênio Cunha (2011, p. 89.) diz que, “uma grande ajuda para todos os indivíduos com autismo independentemente do grau de severidade, vem das relações familiares, em razão do enfoque na comunicação, na interação social e no afeto.”

“o cérebro responde cada vez mais por tudo aquilo que outrora nos acostumamos a atribuir à pessoa, ao indivíduo, ao sujeito” (Ortega, 2008, p. 490)



Busque sempre por conhecimento e compartilhe sempre que possível.

A formação do professor, independente da área que escolheu trilhar, precisa ter uma atenção voltada para inclusão de pessoas com deficiência. Não se pode esperar que primeiro tenha alunos com TEA ou com qualquer outra deficiência, para depois recorrer à formação. Para além do treinamento de todos os profissionais da educação, é necessário ainda a compreensão de que as escolas devem oferecer salas de educação especializada para atendimento individual durante a escolarização das pessoas com deficiência. (Silva, et al., 2021, p.5).



RESULTADOS



FAMÍLIA

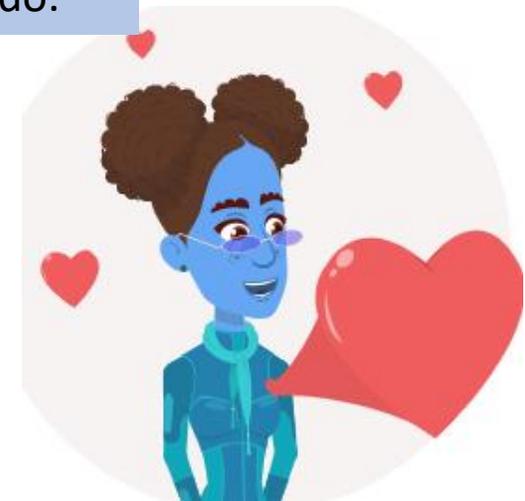
Você vai sobreviver e vai se orgulhar dos esforços empenhados.

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2011, p. 68)

ESCOLA

O seu papel será fundamental para o sucesso e vocês vão se orgulhar e os impactos serão vistos na sociedade como um todo.

Portanto, quanto mais você contribuir para que a sociedade de modo geral saiba mais sobre o autismo, mais você será ajudado a diminuir o preconceito (preconceito esse que até mesmo você poderá sofrer quando estiver com sua criança em algum lugar em público) Paiva Filho (2012, p. 49)



PARCERIA

A escola e família devem conviver em completa sintonia em suas atitudes, já que seus propósitos caminham juntos na formação e educação dos alunos. Não há como negar que a família e a escola são as instituições fundamentais da sociedade, com papéis diferenciados, porém não contraditórios, e sim complementares. Aguiar (2010, p. 29)



ESCOLA E FAMÍLIA, UMA PARCERIA QUE COM CERTEZA SERÁ DE SUCESSO.
ONDE TODOS SAEM GANHANDO!!!

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ana Maria da Silva Fortes. **A instituição família e sua importância no processo de educar – 2010**. Disponível em: <http://www.antaesamericana.com.br/Artigos/rz/A-instituicao-familia-e-su-a-importancia-no-processo-de-educar.html>. Acesso em: 10 de maio de 2024.
- BARBOSA, Silva. **Autismo + sala de aula: deixando o preconceito de lado e compreendendo melhor estudantes com necessidades especiais, a sala de aula pode se tornar um espaço melhor para todos**. Revista Acene, Ano II, nº 07, 2014, p. 37-40.
- BONFIM, Tassia de Arruda; GIACON-ARRUDA, Bianca Cristina Ciccone; GALERA, Sueli Aparecida Frari; TESTON, Elen Ferraz; NASCIMENTO, Francisneide Gomes Pego; MARCHETI, Angélica Marcheti. **Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 31, p. e3781, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/209373>. Acesso em: 20 maio 2024.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.
- DAWSON, Geraldine.; ROGER, Sally J. **Conhecimento atual da aprendizagem infantil e do autismo**. In: DAWSON, Geraldine.; GAIATO, Mayra. **SOS autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. Nversos, 2018.
- GAIATO, Mayra; LABANCA, Pilar Arnaiz. **A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI**. In: Inclusão – Revista da Educação Especial – Out. 2005. Disponível em: https://www.nead.unama.br/site/bibdigital/o_autismo_na_educacao_inclusiva.pdf. Acesso em: 05 março 2023.
- LAURENT, E. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro, RJ: Escuta, 2014.
- OLIVEIRA, Jéssica Jaíne Marques de; SCHMIDT, Carlo; PENDEZA, Daniele Pincolini. **Intervenção implementada pelos pais e empoderamento parental no Transtorno do Espectro Autista**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e218432, 2020.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 37, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 20 maio 2024.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família escola**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

Revista Autismo. **Informação gerando ação**. Ano 1, n. 1, Abril 2011. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/RevistaAutismo001.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

ROGER, Sally J. **Intervenção precoce em crianças com autismo**. Lisboa: Lidel, 2015.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Appris, 2018.

SILVA, Silvania Pereira, et al. **Inclusão de pessoas com autismo na escola: enfrentamentos e estratégias**. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/home>. Acesso em: 10 maio 2024.

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. **Pais de autistas: acolhimento, respeito e diversidade**. Literare Books, 2022.

TEIXEIRA, Gustavo. **O rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. 2018.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e a neurodiversidade**. Mana, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. **A formação docente na perspectiva da inclusão**. In: IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2007.